

**SECRET**

THIS IS AN ENCLOSURE

25X1A

Approved for Release 2011/12/05 : CIA-RDP83-00415R006200060004-2

**CONTROL****RADIOPRESS**

DIVULGAÇÃO INTERNA

Data 10-1948

**U. S. OFFICIALS ONLY**

(A reprodução dos artigos publicados neste boletim, sem mencionar a fonte, é permitida)

### A SERVIDÃO NO SEculo XX

#### Coletivização Soviética.

Não só os povos russo e americano, mas também o mundo inteiro, suspiraram aliviados, quando foi abolida a escravidão, tão humilhante para a dignidade humana, em 1861 na Rússia, e 27 anos depois na América.

Porém, 75 anos depois da abolição da servidão na Rússia, o mesmo mundo, não somente calou ao assistir o seu restabelecimento, sob o título de "cooperativas agrícolas", no "mais livre país do mundo", como até se encontram pessoas que consideram os "kolkoses" (fazendas coletivas), uma "obra prima" do governo soviético.

Aqueles que o afirmam sinceramente, não podem ser senão ou pobres de espírito, ou absolutamente ignorante, ou despidos do mais elementar senso moral. Certamente, há muitos que o proclamam a altos brados mas, estes, são "colaboradores soviéticos" - traidores da sua pátria e de seu povo.

Para se ter uma ideia clara da posição do colono nas fazendas coletivas soviéticas - kolkoses - é preciso conhecer a sua estrutura, pelo menos em linhas gerais. Só então se compreenderá porque os colonos russos se opunham tão tenazmente à introdução dessas cooperativas.

Os kolkoses, denominados também "artel rural", baseados nas leis soviéticas, são organizados e funcionam de acordo com um estatuto típico, único para toda a União Soviética.

Cada colono é obrigado a fazer parte deste "artel", entregar-lhe o seu gado, carroças, arreios, todos os seus objetos de uso na lavoura e o grão necessário para a semeadura dos campos do kolkose. Os campos que exploram, também devem ser entregues ao kolkose. Para o uso pessoal do kolkosiano ficam, apenas, meio hectare de terra, uma vaca, um porco e algumas aves. Ao entrar no kolkose o colono perde o direito de possuir qualquer gado.

Os kolkosianos são obrigados a comparecer diariamente à administração do "artel" ou a uma das suas brigadas, para serem distribuídos para o trabalho e receberem a tarefa do dia. O mínimo atraso ocasiona a mais severa punição, inclusive o envio para os trabalhos forçados nos campos de concentração.

Todas as modalidades dos trabalhos econômicos da aldeia executados pelos kolkosianos são pagos pelos assim chamados "dias de trabalho", cujo número é regulado por normas fixadas pelo órgão governamental, e anotado nas suas cadernetas de trabalho. No fim do ano administrativo, de acordo com o número de dias de trabalho e com os lucros do "artel", os kolkosianos, após o cumprimento de todas as suas obrigações, no que se refere ao fornecimento ao Estado e integralização de diversos fundos, recebem a recompensa pelo seu trabalho, em dinheiro ou em produtos.

O "senhor" todo poderoso de todos os negócios do kolkose e dos destinos dos kolkosianos é o presidente do kolkose, "recomendado" à assembléia geral, pelo comitê local do partido. Esse "senhor"

**SECRET****CONTROL**

Approved for Release 2011/12/05 : CIA-RDP83-00415R006200060004-2

**U. S. OFFICIALS ONLY**

**SECRET****CONTROL****U. S. OFFICIALS ONLY**

- 2 -

frequentemente não é morador da respectiva aldeia nem membro do kol kose, o que quer dizer que as "eleições livres" do presidente, previstas no estatuto são, na realidade, uma nomeação para esse cargo, de um membro do partido que, geralmente, pouco entende de agricultura. É evidente que o presidente do kol kose sente-se responsável, não perante o kol kose, mas perante o órgão do partido, que o designou para esse cargo. Portanto, em relação aos kolkosianos, ele é um simples dirigente da fazenda do governo, por cujo progresso ele só é responsável perante os órgãos do governo e do partido. Sua principal tarefa é obter do kol kose a maior quantidade possível de produtos em grãos, em proveito do patrão - o governo.

Segundo os estatutos do kol kose, parece que quanto mais seus membros trabalharem, quanto melhor a colheita dos seus campos e os lucros de suas atividades agrícolas, tanto maior será o seu ganho. Porém, o governo soviético previu também este caso. Assim é que, se em algum kol kose os resultados da atividade econômica permitem alto pagamento do dia de trabalho, o governo, pelo órgão local, fixa um limite máximo de pagamento.

Além disso, não se deve esquecer que o kol kose depende inteiramente das estações de tratores e motores (M.T.S.) cujo trabalho, é pago com produtos ao patrão, isto é, o governo.

Afinal de contas, após todos os descontos, "venda" espontânea do "excesso" ao governo e retenção, o que recebe o kolkosiano pelo seu trabalho nas cooperativas agrícolas?

De acordo com dados oficiais fornecidos pelo informador governamental da URSS ("Kolkoses da URSS nos anos de 1938-1939") o pagamento por um dia de trabalho para a maioria dos kolkoses da Ucrânia, que é a região mais fértil da Rússia, perfaz naqueles anos, em média, de um a três quilos de grãos de diversas culturas. Dos dados fornecidos pelo mesmo informador vê-se que uma família de colonos, no período indicado, recebeu em média, até 500 dias de trabalho por ano, pelo que, de acordo com o cálculo acima, deveria receber de 500 a 1.500 quilos de grão. Desta quantidade, o kolkosiano teve que vender "espontaneamente" certa parte para o governo, para com o resto manter, vestir e calçar sua família alimentar sua vaca, seu porco e suas aves, sem os quais ele estaria condenado a morrer de fome. Se juntarmos a isto, que cada kolkosiano deve fornecer ao governo grande parte do leite tirado durante o ano, de sua caca; determinada quantidade de ovos e determinada quantidade de carne, pode-se imaginar quais sejam as rendas do colono-kolkosiano. Sobre a distribuição em dinheiro, da renda do "artel", nem vale a pena falar, pois ela se expressa em copeiks por dia de trabalho, e além disso, deve ser reservada uma parte para o pagamento das obrigações do empréstimo obrigatório ao governo, e para o pagamento dos impostos. (Ver Radiopress N°6).

A quantidade de grão recebida pelos kolkosianos pelo trabalho nos kolkoses, geralmente não dá para a sua e a manutenção de sua família, pelo que eles são obrigados a comprar do governo o que lhes falta, ou em forma de farinha, ou em forma de pão. É interessante notar, que em 1939, por exemplo, recebendo o grão dos kolkoses e "comprando-o" dos kolkosianos pelo preço médio de 6 copeiks por quilo, o governo vendia o pão, nos seus armazéns, pelo preço médio de 12 copeiks por quilo, e a farinha pelo preço médio de 18 copeiks por quilo.

**SECRET****U. S. OFFICIALS ONLY**

**SECRET**

Approved For Release 2001/12/05 : CIA-RDP83-00415R006200060004-2

**CONTROL  
U. S. OFFICIALS ONLY**

de 1,20 - 2,70 rublos por quilo, isto é, vendia um quilo de grão 20 vezes mais caro do que pagara por ele aos kolkoses e aos kolkosianos. (Ver Radiopress Nº 6).

O kolkose soviético não tem nada de comum com as formas cooperativas das organizações cooperativas, agrícolas. É apenas uma fazenda do governo, na qual sob o controle de inúmeros funcionários, todos os trabalhos são feitos pelos colonos escravizados, os quais eram antes proprietários livres e independentes que foram privados, pelo governo soviético, da terra e dos meios de produção, que lhes pertenciam. O esquema anexo, composto a base de dados oficiais soviéticos, fornece a este respeito uma ideia precisa.

A organização do trabalho no kolkose, é feita de maneira a não oferecer possibilidade ao kolkosiano e sua família de se ocuparem com quaisquer outros afazeres para satisfação de suas necessidades particulares. Para isto, introduzem-se difíceis culturas, frequentemente pouco rendosas para os kolkoses, mas que requerem grande quantidade de braços. Principalmente no verão, criam-se dificuldades de transporte para os kolkosianos que desejam fazer viagens para tratar de negócios pessoais. Como resultado de tais medidas o kolkosiano e os membros de sua família, estão firmemente ligados ao kolkose, passando nos trabalhos do mesmo de 10 a 15 horas por dia.

Com a introdução na URSS do sistema de passaportes, os kolkosianos, por não os receberem como as demais pessoas, não podem atravessar os limites do kolkose, sem a permissão das autoridades da aldeia e do kolkose.

A roupa e os calçados são artigos de luxo para os kolkosianos. Não podem adquiri-los pelos preços estabelecidos pelo governo por não existirem nas cooperativas oficiais de um lado, e de outro, por não poderem comprá-los nas lojas, pelos assim chamados preços comerciais, não só por não possuírem meios, como também porque tais lojas estão localizadas principalmente nas grandes cidades.

E não esqueçamos de que tudo isso se passa num país onde, durante grande parte do ano, reina um frio cujo rigor excede tudo quanto se possa imaginar.

Não se observa indício algum da perfeição que tanto a imprensa como o rádio soviético, não cessam de anunciar. É verdade que existem kolkoses exemplares, localizados perto das grandes cidades (Moscou, Leningrado, Kiev, Karkov, Rostov e outras), para serem mostrados às delegações estrangeiras. Lá existem maravilhosas construções kolkosianas, gado de raça e kolkosianos privilegiados levam uma vida farta em casas bem mobiliadas. Mas todos os demais tornaram-se proletários, cuja aspiração é encontrar na sua loja sempre vazia, sapatos de couro com sola de borracha, um terno de algodão, ainda que mal feito, ou valer-se de benevolência do médico local, sob alegação, de doença para livrar-se por alguns dias do trabalho no kolkose e aproveitá-los para prover às suas inadiáveis necessidades pessoais.

Depois de tudo isto, tornam-se claros os motivos porque os colonos russos, pressentindo intuitivamente a armadilha que lhes fora preparada sob a forma de kolkose, recusavam-se teimosamente a aceitá-la, pelo que foram submetidos a martírios e sofrimentos tão

**SECRET**

**CONTROL**

Approved For Release 2001/12/05

**U. S. OFFICIALS ONLY**

CIA-RDP83-00415R006200060004-2

**SECRET**

**CONTROL**

**U. S. OFFICIALS ONLY**

horrríveis, que fizeram vítimas em tal quantidade que a história da humanidade jamais teve notícia de coisa semelhante.

Os Soviets não se limitam ao sistema dos kolkoses nas regiões recentemente conquistadas, mas cuidam de impô-lo igualmente nos países satélites.

A primeira fase dessa reforma, consiste como se sabe, na partilha das terras (Rumania, Hungria, Checoslovaquia). Parece que Moscou resolveu realizar, agora, a segunda fase - a coletivização. Uma das causas da desgraça de Tito, e em seguida, a de Gomylo (secretário geral do Partido Comunista e Vice-Presidente do Conselho de Ministros da Polónia) consiste, precisamente no fato desses homens terem demonstrado pouco entusiasmo pela coletivização, a qual, no entender deles, ameaçaria diretamente o regime. (Mór Radiopress Nº 17). Ora, para Moscou, a coletivização das terras é questão capital para o novo regime econômico, pois, uma vez realizada, torna-se extremamente difícil restabelecer o anterior sistema econômico. De outro lado, na zona soviética da Alemanha, foi ordenada a demolição de todas as antigas residências senhoriais e a construção de novas casas com o material da demolição. Isso causa grandes dificuldades práticas, mas a ordem é formal. Não deve ficar nenhum vestígio do antigo regime.

Os trabalhadores agrícolas na América Latina, devem compreender claramente que, apesar de sua situação material apresentar-se por vezes, muito difícil, eles gozam no entretanto, em comparação com os servos soviéticos de uma vantagem incomparável: a liberdade. E alguns fazendeiros e sitiantes, inclinados a admirar a "democracia" comunista devem imaginar o destino que os aguarda se forem livres convivendo com homens livres num país democrático.

**SECRET**

